

A MECÂNICA DO IMUTÁVEL

AUTHOS

Luiz Fernando de Souza Emediato

Curso de Comunicação Social da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas — 2º ano

Ficava ali no meio da rua controlando os carros, que não tinham nenhum problema para atravessar o cruzamento. Ele levantava os braços, levava o apito à boca, soprava, e os carros paravam, dominados. O trem vinha apitando de longe e pouco depois passava fazendo barulho, sacudindo a poeira dos arbustos que ladeavam os trilhos. Quando o último vagão desaparecia na curva ele soprava de novo o apito, levantava o sinaleiro da barreira e permitia que os carros retomassem o caminho. Os carros obedeciam, submissos.

O tempo passava sempre da mesma maneira. Tudo corria bem — e como os dias fossem invariavelmente iguais, aquilo pouco a pouco transformou-se em rotina. Já nem se lembrava como começara tudo. O primeiro dia de seu trabalho no cruzamento estava perdido em qualquer compartimento secreto e indevassável da memória; e como não conseguisse se lembrar de nada — nem mesmo por que estranho motivo viera parar ali — acostumou-se com a idéia de ali ficar sem conhecer as causas e objetivos de suas funções. Poderia ter nascido predestinado para aquele cargo e desde os primeiros tempos de sua existência se dedicasse àquilo e somente àquilo; talvez por isso eliminasse de seus pensamentos qualquer reflexão mais profunda acerca da na-

tureza de seu trabalho, apenas empenhando-se na desincumbência da imutável tarefa. Chegou ao extremo de apagar de seu reduzido corpo de conceitos a idéia que concebia de carro, trem e cruzamento, concentrando toda a sua atenção unicamente no desempenho do que já acreditava ser seu dever e obrigação, os movimentos para sempre decorados e o momento oportuno de realizá-los também guardado para sempre na memória, perfeito e encadeado. Era só o trem apitar ao longe e, mesmo sem ter ouvido o apito, sincronizava os movimentos, apitava por sua vez, tudo se encaixando com absoluta precisão para a realização do objetivo primordial e único de sua vida: evitar que os veículos se chocassem com a pesada e longa composição exaustivamente puxada pela locomotiva. Conseguia controlar tudo sem ver os carros e o trem; nem mesmo ouvia o agudo ruído do próprio apito na boca, assobiando forçado pela contração dos lábios, o ar expelido com força dos pulmões. Muito tempo se passou assim, tudo acontecendo da mesma maneira mecânica e automática. E ele não percebeu, dias depois, que até mesmo quando ia e vinha de casa passava pelas ruas sem nada ver e sentir, como se fosse um autômato.

Os carros jamais deixavam de obedecer ao seu controle rígido e frio, parando para o trem passar e continuando o trajeto, indiferentes, depois.

Um dia resolveu não voltar para casa: não precisava mais daquilo. Para ele bastava ficar ali controlando o trânsito sem perceber os carros e os vagões passando barulhentos, tudo feito com base apenas no instinto. Não sentia falta de comida, de cama, de gente. Talvez a fugaz lembrança de que pessoa alguma conversava com ele e nem lhe dava atenção fosse a causa da firme determinação de excluir de suas raras necessidades coisa tão inútil e banal. Morara sempre sozinho, numa casa frágil e pequena, sufocada entre outras casas enormes e compactas. Não havia quem notasse sua presença.

Ninguém percebeu sua ausência quando deixou, para sempre, de retornar à casa. E quando descobriram que

ninguém morava na casa e que ela, com o passar dos anos, tornava-se mais amarela e feia, demoliram-na e plantaram, no terreno vago, duas miseráveis árvores que nunca cresceram o bastante e durante todas as estações do ano apresentavam-se pobremente cobertas de folhas flácidas e sem cor, os galhos tortuosos e os troncos curvados por qualquer ventania mais forte, as fracas raízes impotentes para penetrar com força o chão.

Resolvera permanecer no cruzamento até o fim, controlando o trânsito. Era aquela a única coisa que lhe haviam ensinado, se é que lhe haviam, algum dia, ensinado alguma coisa. De qualquer forma, era só aquilo o que sabia fazer; tanto o sabia que o fazia sem sentir, os atos e os movimentos nascendo como se fossem autônomos e nem fizessem parte de seu corpo. Talvez pudesse ser partido em dois: ele e seus movimentos. E talvez ainda se pudesse dizer dele, sem qualquer temor de se estar dizendo um absurdo e uma inverdade, que ele deixara de existir. Porque na verdade o que existia era unicamente a sua função.

Quando chovia, não via a chuva nem a sentia; quando o sol causticava o corpo molhado e crestava a pele, não se incomodava: impávido resistia ao vento e às tempestades. Sequer chegou a tomar consciência de que suas roupas iam-se rasgando; acabou por ficar inteiramente nu. Estava magro, muito magro: seu corpo a cada dia tornava-se mais fino e frágil. Mas ninguém prestava a atenção nessas coisas. Era como se ele não existisse.

Nunca pensara em deixar tudo aquilo e aprender outro ofício, mudar o modo de vida. O cruzamento estava de tal forma arraigado em seu ser que talvez não pudesse jamais aprender outra coisa. Além disso qualquer coisa fazia com que se julgasse de suma importância na estrutura do sistema: percebia vagamente que, caso faltasse, sua ausência, mais cedo ou mais tarde, desencadearia o caos.

Certa época, sem que se pudesse explicar por que motivo (e nem ele nem ninguém tentou buscar explicação para aquilo), os passarinhos foram chegando e fazendo ninhos em seus

ombros. Depois foram as abelhas que se aproximaram, em pequenos bandos, e penetraram bem fundo em seus cabelos. Fizeram um mel que escorreu pelo rosto, contornou os lábios, caiu no chão, atraiu as formigas que invadiram seu corpo aos milhares, subindo-lhe pela perna esquerda em longas e intermináveis filas. Quando o mel se extinguiu perambularam desorientadas pelo corpo estéril, até se decidirem por descer pela perna direita e continuar caminho em busca de coisa melhor. Um casal de aranhas negras construiu uma teia confusa por entre os pelos de seu púbis, aprisionando mosquitos e moscas na rede. E, quando a serpente enrodilhou-se em seu pescoço, depois de subir lentamente pela perna magra e nodosa, plantada no chão como uma estaca, ele não fazia nenhum movimento. Depois de sete dias a solitária e entediada serpente deslizou suave e escorregadia pelo corpo imóvel até desaparecer por entre as pedras. Os pássaros, depois de chocarem os ovos, partiram sem se despedir, deixando-lhe como lembranças os ninhos desfeitos e as pequeninas fezes salpicadas nos ombros nus. As aranhas morreram e secaram rapidamente, deixando fragmentos de mosquitos e moscas nos pelos embranquecidos pelas teias e pela poeira amarela da rua. As formigas nunca mais voltaram: acostumadas a nada achar naquele corpo esquecido no meio da rua, passaram a evitá-lo, contornando-o até encontrarem novo caminho.

E ele continuava firme em seu posto, controlando o trânsito sem cometer um erro. Erguia os braços, soberano e poderoso, apitava: os carros paravam, sempre submissos à sua vontade. E o trem passava. Quando apitava novamente os carros moviam-se sem prestar atenção à sua figura magra, nua, manchada e suja, um ser esquisito que, apesar de todas as suas insólitas características, não era nem mesmo notado pelos que passavam. Talvez não acreditassem na sua existência.

Mas o tempo passou e um dia ele não suportou mais. Olhou para o céu — era a primeira vez que olhava para um ponto que não fosse o cruzamento à sua frente — e deixou

escapar do peito um longo e cansado suspiro. Sentia por todo o corpo um cansaço que nunca sentira; sem acreditar (sem querer acreditar) no que acontecia, percebeu perplexo e desesperado que ia murchando e caindo sobre as pernas exaustas que se recusavam a sustentá-lo. Ficou de olhos abertos por um fugaz momento. E depois de abrir a boca para um grito inútil que a garganta se recusou a construir, procurou, resignado a não ser mais obedecido pelo próprio corpo, um bolso para guardar o velho e fiel apito. Só então notou que estava nu, mas não teve tempo para exteriorizar o atrasado gesto de vergonha que nascia dentro dele. Os olhos foram-se fechando levemente, até que uma imprevista paz o invadiu, tomou conta de seus vagos pensamentos, foi cobrindo o cansaço e envolvendo-o no esquecimento das coisas.

Os carros continuaram passando. Quando o trem vinha lá longe, apitando com fúria, paravam e aguardavam pacientemente que a composição passasse. O último vagão já era mancha e ponto no fim dos trilhos quando ligavam os motores e atravessavam o cruzamento, continuando tranqüilos o seu caminho. Ao passar, não notavam o corpo escuro, esquecido no meio do caminho. Apenas sentiam, muito vagamente, a trepidação dos veículos quando as rodas passavam sobre ele, esmagando-o pouco a pouco. Com o tempo, o corpo foi triturado e incorporou-se à terra.

O tempo passou. Não se notava nada de diferente no local, a não ser o estranho borrão esparramado na terra. Mas ninguém se detinha para olhar aquilo e indagar sobre sua composição e procedência: todos tinham muita pressa em terminar o quanto antes seus afazeres. Por fim, nem mesmo este borrão existia mais. O tempo, a chuva e o pó deram-se o trabalho de apagá-lo para sempre da terra e da memória dos homens — se é que alguma vez estivera registrado nesta memória. E ninguém se recordou que houvera ali um guarda de trânsito. Ninguém deu por sua ausência, pelo único e insofismável argumento de que é impossível e absurdo que alguém se recorde de algo que se esforçou por não ver e sentir, algo que pode até mesmo não ter jamais existido.

Até que um dia (os técnicos até hoje não conseguiram explicar o acontecimento e há anos empenham-se na inútil tarefa de esclarecer as verdadeiras, exatas e possíveis causas da tragédia), os carros não pararam quando o trem veio à toda velocidade pelos trilhos. A locomotiva chocou-se com o primeiro veículo da longa fila, arremessou-o longe e descarriou-se; continuou a correr pelo asfalto, varreu da rua pessoas e carros, derrubou dezessete árvores, arrebitou sete fios elétricos e telefônicos — provocando um curto-circuito que, por setenta horas, paralisaria todas as atividades da cidade — entrou por uma casa verde, acordou uma criança gorda que dormia num berço coberto por um cortinado muito branco, esmagou o cachorrinho de estimação de uma velha senhora que terminaria seus cansativos dias às voltas com uma insuportável e extenuante desritmia cardíaca, saiu pelo quintal e destruiu um canteiro de rosas e margaridas, capotou sete vezes e imobilizou-se por um momento no chão. Tudo se acalmou por alguns segundos, só se ouvindo um tímido e quase imperceptível chiado que nascia do meio das ferragens. Até que este débil ruído, juntamente com todos os ruídos da Terra, foi abafado pela explosão que tudo levou pelos ares: prédios, fábricas, chaminés, encanamentos, veículos, pessoas, animais, móveis, máquinas, latas, painéis, alto-falantes, quadros de santos, espelhos, agulhas e alfinetes, misturando-se no meio do furacão.

Séculos depois, quando tudo já se normalizara e o Poder Público, amedrontado pela ainda furiosa opinião do povo, fizera com urgência a remoção dos escombros e a simultânea inauguração de um fantástico e formidável centro de diversões, um político levantou na Câmara o problema do cruzamento, requisitando urgentemente um guarda para aquele local, muito perigoso para continuar sem controle. O líder do partido, apreensivo e surpreendido (pois era mais prudente que se fizesse silêncio em torno do acontecido), mentalmente se fez a promessa de ter com inábil subordinado, o mais breve possível, uma longa e sutil palestra — mas enquanto esta oportunidade não surgia aguardou, tenso, a opinião do Poder

Supremo. Quando este Poder se manifestou favoravelmente — embora com frieza — ao pedido do ilustre, porém inexperienced político, resolveu adiar por mais algum tempo esta palestra. Acabou por excluí-la de sua agenda quando, dias depois, foi comunicado, extra-oficialmente, de que o até então eficiente político que tivera a infeliz triste idéia de suscitar dúvidas quanto a atuação do atual governo, bem como o de — gratuitamente e talvez almejando extrair da situação proveito próprio — provocar, indiretamente, a perturbação da ordem e da paz social, fora por isto mesmo chamado a explicar as razões do tão impensado e lamentável ato às autoridades competentes.

Mas, de qualquer forma, em pouco tempo um novo guarda controlava com firmeza o tráfego pelo cruzamento. Tudo voltou à normalidade, os carros parando quando ele alçava os braços e levava o apito à boca, prosseguindo seu caminho depois que o trem passava. Os dias transcorriam sempre iguais e os movimentos foram se transformando em rotina; o guarda fazia-os automaticamente, decorados que ficaram na memória e no instinto, integrando parte da paisagem de tal forma que ninguém prestava a atenção nele.